

Rio 2016 Olympic Games and imaterial legacy

CAROLINA FERNANDES DASILVA^{1,3} ✉, LUIZ FELIPE GUARISE KATCIPIS¹, JANICE ZARPELLON MAZO^{2,3}

¹Federal University of Santa Catarina, Brazil

²Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil

³Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) of Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brazil

ABSTRACT

The present study investigates how the reports of a printed newspaper published historical material on the Olympic Games Rio 2016 and produced cultural representations of immaterial legacy. In order to do so, we analyzed journalistic reports published by the newspaper O Tempo, during the occurrence of Rio 2016, in which the following categories were highlighted: a) History of the Olympic Games, b) History of Olympic modalities, and c) Life histories of athletes. The Rio de Janeiro JO in 2016 was constituted as a mega-sport event, so after its realization, there were still socio-spatial stays in the urban scenario, which may be material and immaterial. The immaterial legacy is immeasurable, for it is not possible to determine how and how much is established, especially when one thinks of culture. However, it is possible to glimpse possibilities, among them those involving sports memory and cultural identities related to the event of the OJ. The sources revealed that the media produced new memories about Rio 2016, so it was used historical narratives, generating an immaterial legacy, because it is related to the daily communication of groups of people that have a unity and peculiarity through a common image from past. The reports were means of legitimizing the facts of the past, linked to building a positive identity. **Key words:** RIO 2016 OLYMPIC GAMES, LEGACY, HISTORY, IDENTITY.

Cite this article as:

Fernandes Dasilva, C., Guarise Katcipis, L.F., & Zarpellon Mazo, J. (2018). Rio 2016 Olympic Games and imaterial legacy. *Journal of Human Sport and Exercise*, 13(1proc), S17-S25. doi:<https://doi.org/10.14198/jhse.2018.13.Proc1.03>

✉ **Corresponding author.** Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Departamento de Educação Física. 88040900 - Florianópolis, SC - Brasil. <http://orcid.org/0000-0003-0026-1318>
E-mail: carol_ed.fis@hotmail.com
Supplementary Issue: Rio 2016 Olympic Games First Anniversary Special Edition. Olympic Studies Forum, 4-5 August 2017.
Santa Úrsula University. Rio de Janeiro, Brazil.
JOURNAL OF HUMAN SPORT & EXERCISE ISSN 1988-5202
© Faculty of Education. University of Alicante
doi:10.14198/jhse.2018.13.Proc1.03

Jogos Olímpicos Rio 2016 e legado Imaterial

RESUMO

O estudo buscou investigar como as reportagens de um jornal impresso veicularam matérias históricas sobre os Jogos Olímpicos (JO) Rio 2016 e produziram representações culturais de legado imaterial. Para tanto, foram analisadas reportagens jornalísticas publicadas pelo jornal O Tempo, durante a ocorrência dos JO de 2016, nas quais se destacaram as seguintes categorias: a) História dos Jogos Olímpicos, b) História das modalidades olímpicas e c) Histórias de vida dos atletas. Os JO do Rio de Janeiro em 2016 foram um megaevento esportivo, que legaram impactos sócio-espaciais, materiais e imateriais, no tecido urbano. O legado imaterial é imensurável, pois não é possível determinar como e quanto se estabelece, principalmente quando se pensa em cultura. No entanto, é possível vislumbrar possibilidades, dentre as quais aquelas que envolvem a memória esportiva e as identidades culturais relacionadas ao acontecimento dos JO. As fontes revelaram que a mídia produziu memórias sobre os JO Rio 2016 utilizando narrativas históricas e, por sua vez, geraram um legado imaterial, pois está relacionada com a comunicação diária de grupos de pessoas que possuem uma unidade e peculiaridade através de uma imagem comum do passado. As reportagens foram meios de legitimação dos fatos do passado e evidenciaram as glórias esportivas brasileiras vinculadas à construção de uma identidade positiva. **Palavras-chave:** JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016, LEGADO, HISTÓRIA, IDENTIDADE.

INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos (JO) do Rio de Janeiro em 2016 se constituíram em um megaevento esportivo, conforme as definições de Proni (2008) e Tavares (2011). Após a realização de um megaevento esportivo, segundo Raeder (2007), restam permanências sócio-espaciais no tecido urbano, as quais podem ser materiais e imateriais. Os bens materiais como, por exemplo, um estádio ou outros equipamentos esportivos são mais palpáveis, enquanto que os bens imateriais são menos visíveis. Raeder (2008) considera bens imateriais “a produção de conhecimentos associados direta ou indiretamente à implementação do evento, as mudanças na imagem urbana a partir da publicidade realizada (capital simbólico), as alterações na percepção dos cidadãos sobre a própria cidade, a conformação de identidades territoriais, etc.” (p. 206).

O legado imaterial é imensurável, pois não é possível determinar como e quanto se estabelece, principalmente quando se pensa em cultura. No entanto, é possível vislumbrar possibilidades, dentre as quais aquelas que envolvem a memória esportiva e as identidades culturais relacionadas ao acontecimento dos JO. Tais conformações abrangem também a produção de informações a partir da mídia, como a construção de um imaginário em torno do JO, o qual é constituído por um conjunto de representações coletivas sobre este fenômeno esportivo.

Durante o período dos JO Rio 2016, jornais brasileiros elaboraram diversas reportagens sobre o megaevento e, dentre estas, foram publicadas matérias nas quais prevalecia uma abordagem histórica. Conforme Le Goff (1990, p. 40), a história “reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica e nomeadamente da sua maneira de reagir perante o seu passado”. Para o autor (1990) a história possui um espaço na mídia devido a necessidade que as sociedades têm de alimentarem a sua procura de identidade, a qual pode ser estabelecida por meio de uma memória cultural comum.

A sobrevivência da espécie humana, conforme Assmann e Czaplicka (1995), está relacionada à reprodução de memória cultural, a qual encontrar-se vinculada a uma autoimagem coletiva e pode ser construída a partir de uma história em comum. Nesta perspectiva, a mídia, ao produzir memórias no imaginário da sociedade brasileira sobre os JO, contribui para a produção de um legado imaterial. Perante as diferentes mídias, os jornais impressos foram um dos meios que produziam memórias sobre os JO Rio 2016. Por meio desta pesquisa busca-se investigar como as reportagens de um jornal impresso veicularam matérias históricas sobre os JO Rio 2016 e produziram representações culturais de legado imaterial.

MATERIAIS E MÉTODOS

No presente estudo de caso histórico-documental, as reportagens analisadas foram extraídas do jornal O Tempo. Este jornal impresso está entre os principais que circulam no estado de Minas Gerais¹, tendo um significativo alcance da população mineira. Para a construção do *corpus* documental da pesquisa foram coletadas 199 reportagens do jornal O Tempo, entre os dias primeiro de agosto a 30 de setembro de 2016, período em que ocorreram os JO e os Jogos Paralímpicos (JP).

¹ O jornal O Tempo, foi fundado em novembro de 1996 pelo empresário e deputado federal Vitorio Medioli, em resposta às denúncias publicadas pelo jornal Estado de Minas, que o acusava de envolvimento em negócios irregulares. O Tempo possui circulação diária, cobrindo a grande Belo Horizonte, além de 305 cidades mineiras, bem como Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, e as cidades do Espírito Santo, Vitória e Guarapari (Carvalho, 2007). Entre os jornais pagos do Brasil, está na 13ª posição, com uma média de circulação impressa de 60.055 exemplares (ANJ, 19/03/2017).

Verificou-se que, do total de jornais examinados, 162 reportagens trouxeram informações sobre os JO e 37 reportagens foram dedicadas aos JP. Esta seleção foi realizada por meio da leitura diária das reportagens do jornal O Tempo. Após a coleta, averiguou-se 77 ocorrências de reportagens sobre a história, sendo que 14 versaram sobre história dos JO, 34 acerca das histórias de vida dos atletas e 29 sobre a história das modalidades olímpicas. Tais reportagens foram inseridas no *software* de análise qualitativa dos dados ATLAS.ti e analisadas a partir de três categorias que emergiram da ocorrência do assunto, a saber: a) História dos JO; b) História das modalidades olímpicas; c) História de vida dos atletas. No tópico que segue apresentamos os resultados e discussão das informações analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reportagens que descrevem histórias dos JO

Os JO de 2016 no Rio de Janeiro foram a XXXI edição dos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna, mantendo a continuidade da tradição de organização deste megaevento que se configura como um momento de rememorar feitos e inscrever novos fenômenos na história das olimpíadas. Neste contexto, os jornais tem um papel importante, pois colaboram para se definir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido ou, até mesmo, reescrever uma história para permanecer na memória dos indivíduos que compõem a nação do país sede, renegociando uma identidade como legado cultural. Ao tratar das reportagens dos jornais, devemos ponderar que “once we remove ourselves from the area of everyday communication and enter into the area of objectivized culture, almost everything changes”² (Assmann; Czaplicka, 1995, p. 128).

A cultura objetivada nos jornais através de textos e imagens faz com que haja uma cristalização da memória e a instituição de uma identidade individual e coletiva. O conhecimento do grupo sobre seu passado em comum, transferido por meio de representações culturais é uma forma de perpetuar a memória cultural de uma sociedade. Desse modo, de acordo com Assmann; Czaplicka (1995), o processo é formativo e normativo, na medida em que um grupo lembra seu passado com receio de se desviar de seu modelo.

O jornal O Tempo utilizou-se desta estratégia em diversos momentos dos JO Rio 2016. Dentre as 14 ocorrências da categoria História dos Jogos Olímpicos, oito tratavam de rememorar o passado e aproximar esta edição do megaevento de anteriores. Buscou-se estabelecer uma relação de pertencimento da edição brasileira com o fenômeno que é o universo olímpico, conforme evidencia o trecho intitulado: “Os Jogos do Rio terão duas piras olímpicas. Uma ficará no Maracanã e, a outra, na região central do Rio. A última vez que as Olimpíadas tiveram duas piras foi em Montreal 1976” (2, 6/08/2016, p. 4). Todavia, cabe lembrar que “the Montreal Olympics remain a symbol of extravagant mismanagement and unfulfilled expectations” (Kidd, 2015, p. 152)³. A análise da reportagem mostra que foi por um lado selecionado o que deveria ser lembrado e por outro o que deveria ser esquecido para a construção de representações identitárias.

Outra forma de reescrever a história é o rompimento com uma tradição, a qual segue o pensamento de que “mais do que uma ruptura com o passado, 'novo' significa um esquecimento, uma ausência de passado” (Le Goff, 1990, p. 153). Tal ocorrência foi identificada na reportagem de 21 de agosto de 2016, intitulada “Brasil – Ouro no futebol masculino”, na qual se conta a trajetória cronológica da seleção brasileira masculina de

²Uma vez que nos separamos da área da comunicação diária e entramos na área da cultura objetivada, quase tudo muda.

³ Em uma tradução livre: As olimpíadas de Montreal continuam a ser um símbolo de má administração extravagante e insatisfeitas expectativas.

futebol, desde a primeira participação, em 1952, até a conquista da medalha de ouro nos JO de 2016. Além disso, são destacadas informações, normalmente citadas como curiosidades sobre a modalidade como, por exemplo, no trecho a seguir: “[...] o Brasil se tornou o país com mais medalhas do futebol masculino na história olímpica. Com seis pódios no total, a seleção canarinho deixou Hungria, União Soviética e Iugoslávia para trás, com cinco medalhas no total, cada” (Brasil – Ouro no..., 21/08/2016, p. 8).

Mesmo com apenas alguns trechos da história dos JO, tais reportagens são relevantes quanto à disseminação de informações sobre um passado. Na maioria das 14 reportagens selecionadas, a parte histórica estava relegada a uma ou duas frases, utilizadas para legitimar o megaevento no Rio de Janeiro, como no caso da inserção do rúgbi como modalidade olímpica: “noventa e dois anos depois, o rúgbi voltou ao calendário das olimpíadas” (Torcida reconhece o esforço..., 21/08/2016, p. 8). Percebe-se o lugar da história na mídia como um meio de legitimar um fato e dar-lhe importância, distanciando-se de uma ciência da História, onde existe a reconstrução dos fatos de forma analítica e crítica. A mesma abordagem se repete quando se trata da história das modalidades esportivas olímpicas.

Reportagens que registram histórias das modalidades olímpicas

O megaevento Rio 2016 contou com 44 modalidades esportivas, de acordo com o Guia Oficial do Espectador (30/06/2016)⁴. O jornal O Tempo citou as modalidades 386 vezes, sendo que deste total, 29 reportagens abordaram a história dos esportes olímpicos. Sobre as histórias das modalidades, foram encontradas as reportagens semelhantes à forma que o jornal elaborou a escrita sobre a história dos JO, com a rememoração de um passado e a ruptura com uma tradição.

Na conquista da primeira medalha brasileira nos JO Rio 2016, na modalidade de tiro esportivo categoria pistola de ar 10 m, pelo atleta Felipe Wu, o jornal rememorou o primeiro pódio do Brasil na história dos JO, em 1920, e destacou o feito com uma imagem do atleta Guilherme Paraense, lembrando que a modalidade esportiva “[...] é a mesma em que o Brasil debutou no pódio logo em sua primeira participação olímpica, nos jogos da Antuérpia, na Bélgica, em 1920, quando conquistou três medalhas” (A história da medalha..., 7/08/2016, p. 12).

Percebe-se que para a confecção do jornal são escolhidas as informações mais rápidas de serem encontradas para uma contextualização, deixando de lado dados que poderiam colaborar para compreender o desenvolvimento do esporte. O tiro esportivo é uma das modalidades olímpicas mais antigas, uma vez que está presente nos JO desde sua reinvenção, em 1896. Juntamente com o atletismo, o ciclismo, a esgrima, a ginástica, o levantamento de peso, a natação e o tênis de campo, o tiro compôs o conjunto de práticas esportivas dos JO (Proni, 2004). Contudo, na segunda edição dos JO, em 1900, na cidade de Paris (França), as competições de tiro agrupavam diversas modalidades: tiro ao alvo, tiro ao pombo, tiro com arco, tiro com besta e com armas de fogo (Müller; Todt, 2015). Desde a candidatura do Rio de Janeiro como sede dos JO, as primeiras medalhas brasileiras conquistadas nos JO é um assunto abordado pela mídia.

O mesmo molde de reportagem foi utilizado para informar sobre a vitória de Poliana Okimoto; inclusive o título foi semelhante. Para tanto trouxeram a história da primeira mulher a representar o Brasil e a América do Sul em JO, a nadadora Maria Lenk (Oliveira; Cherem; Tubino, 2008). “A história brasileira nas águas do

⁴ Este guia foi veiculado em inglês, português e espanhol, sendo distribuído a todos que se dirigiam aos balcões de informações durante os JO do Rio 2016. Apresentava informações sobre cada modalidade específica, fazendo diferenciações entre esportes semelhantes, como, por exemplo, Ciclismo de Estrada Contrarrelógio e Ciclismo de Estrada Prova de Estrada.

mundo teve início com Maria Emma Hulga Lenk Zigler. Principal nadadora do Brasil, a filha de imigrantes alemães foi a primeira nadadora brasileira a estabelecer um recorde mundial” (A história da medalha..., 16/08/2016, p. 12).

Outra forma de retratar o desempenho do Brasil nos JO foi utilizando a história como forma de comparação. Nos JO do Rio 2016, a ginástica artística competiu com a intenção de marcar a edição brasileira com um movimento inédito da ginasta Rebeca Andrade. A fim de valorizar tal feito, o jornal lembrou os leitores que até aquele momento: “Daiane dos Santos (solo), Diego Hypolito (solo), Arthur Zanetti (argolas) e Sérgio Sasaki (paralelas), conseguiram a proeza de batizar movimento com os próprios nomes” (Para gravar o nome na história, 5/08/2016, p. 7). Segundo Assmann e Czaplicka (1995, p. 130), “Cultural memory works by reconstructing, that is, it always relates its knowledge to an actual and contemporary situation”⁵. Na direção, de continuar rememorando acontecimentos esportivos e ativar a memória esportiva dos leitores, o jornal registrou percursos da vida dos atletas.

Reportagens que contam histórias de vida dos atletas

A procura do legado do patrimônio imaterial deixado pela produção midiática acerca da história de vida dos atletas dos jogos olímpicos exprime o que Hartog (2006, p. 262) chamou de “presentismo”, que é um reflexo de um regime de historicidade designado a autoconsciência de uma comunidade humana. Trabalhar com essas fontes implica adentrar no campo da oralidade de modo a construir o conhecimento onde os relatos orais dos atletas devem ser entendidos para além daquele objetivado pela mídia de um simples ordenado da vida e da experiência dos “outros” (Lozano, 2006, p. 17).

Segundo Assman e Czaplicka (1995), é através da prática da história oral que podemos obter uma análise mais precisa das qualidades peculiares de uma forma cotidiana de memória coletiva. Para os autores (1995) a memória coletiva está dentro de um campo cultural e pode ser delimitada pela memória comunicativa, estando relacionada com a comunicação diária de pessoas que possuem uma unidade e peculiaridade através de uma imagem comum do passado, assim como com a memória cultural que se caracteriza pelo distanciamento em relação ao cotidiano (p. 127-129). Um exemplo de tal situação foi encontrado em reportagens que destacavam a vida sofrida dos atletas e seus momentos de superação; outro exemplo foi a produção de textos que recuperavam um histórico das modalidades esportivas comparando figuras olímpicas do passado com as do presente. De tal modo, as reportagens do jornal analisado desencadeavam um processo de memória comunicativa visando criar uma proximidade entre o povo e as olimpíadas.

Ao passo em que ocorre esse distanciamento do tempo dos JO, tais fontes se tornam produtoras de memória cultural, pois criam pontos fixos do que deve ser lembrado mantendo-se através de uma formação cultural (textos, ritos e monumentos) e recebendo funções mnemônicas que quando contempladas trarão a retrospectiva de uma forma específica do passado (Assman e Czaplicka, 1995, p. 129). Dessa maneira a imagem da atleta Rafaela Silva (Menina de Ouro, 2016 agosto 09), não será lembrada apenas como a de uma esportista, ela perde a forma humana, ganha um significado de valor simbólico, se torna a superação, a resiliência, a força, um signo formativo de caráter. A memória cultural assume assim suas características de concretização da identidade, capacidade de reconstrução, formação, organização, obrigação e reflexividade (Assman e Czaplicka, 1995, p. 130).

⁵ A memória cultural trabalha reconstruindo, isto é, sempre relaciona o seu conhecimento com uma realidade e uma contemporânea situação.

A concretização da identidade parte do conhecimento da qual um grupo deriva uma consciência de sua unidade, de maneira a objetivar uma definição que o identifique de forma positiva (nos somos um povo guerreiro), ou de em um formato negativo (não nós não somos um povo acomodado). O contemporâneo é que irá moldar a memória seja por apropriação, crítica, preservação ou transformação, existindo dentro da capacidade de reconstrução dois modos: potencialidade e atuação. Dessa maneira, a história de vida do boxeador olímpico Robson Conceição (Robson Conceição, 28/08/2016) pode avocar um modo de potencialidade caracterizada pelo horizonte geral das abordagens que o objeto de memória pode ter como momento de alto rendimento do boxe brasileiro, ou ressaltar aspectos da preparação física e técnica do atleta. Por outro lado pode assumir um modo de atuação caracterizado pelo contexto contemporâneo que o evoca atribuindo relevância segundo os sentidos atribuídos dentro da sua perspectiva.

Assim, num momento em que a Olimpíadas passava por uma forte crítica popular acerca dos gastos da máquina pública, com as estruturas de organização, o jornal analisado trabalhou com a imagem dos atletas no sentido de superação das dificuldades. Para atingir a objetivação da comunicação da memória coletiva de maneira a formar um sentido, se faz o uso de ferramentas para além da escrita. Assim, ao abordar sobre a atleta de vela Martine Grael (Dinastia, 19/08/2016) surge o uso da palavra dinastia para descrever um contexto da genética, ou de alusão a uma árvore genealógica esportiva da família Grael que serve como forma de cristalização de um significado histórico olímpico.

Organiza-se um meio de cultivar os valores positivos da história de vida dos atletas relacionando com o esporte, e apontando um caminho para superação dos problemas sociais. Nesse caminho, apresenta-se o caráter de obrigação da memória coletiva estruturado num sistema de valores de aspectos normativos, regras e condutas (treinos e trabalhos), e formativos, educação e civilização (resgate da marginalidade). Tal representação produz uma prática reflexiva de maneira que elucubra a percepção que o grupo tem de si mesmo no seu próprio sistema social, disseminando a ideia de que qualquer um é capaz de se tornar um campeão bastando ter força de vontade, disciplina e dedicação.

A memória encontra-se ligada ao patrimônio e ao território, que operam em conjunto como vetores de uma identidade inquieta, a qual está esquecida e reprimida. O significado de ser brasileiro abalado nos últimos anos pelas visões de fracassos de gestão pública, crise política, escândalos de corrupção e fiasco na copa do mundo de futebol, surge como convite a anamnese do patrimônio. Segundo Hartog (2006, p. 268) produz-se “lugares de patrimônio urbano para construir a identidade escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro”. O patrimônio, conforme o autor (2006) é um recurso evocado em tempo de crise, que se define através de memórias particulares que querem se fazer reconhecer legítimas, constituindo-se de testemunhos, e devendo ser de nossa responsabilidade o reconhecimento de sua autenticidade e de seu engajamento para gerações futuras (p. 269).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de investigar como as reportagens de um jornal impresso veicularam matérias históricas sobre os Jogos Olímpicos (JO) Rio 2016 e produziram representações culturais de legado imaterial, percebe-se que estes veículos de comunicação contribuíram para a cristalização de uma memória cultural esportiva no país. Para tanto, utilizou-se de acontecimentos esportivos anteriores para a reflexão do presente com a rememoração de um passado e a reinvenção de tradições, produzindo novas representações de identidade brasileira. Durante os JO de 2016, o Brasil estava imerso em uma crise política, com consequências econômicas e sociais, que abalaram o sentimento de pertencimento dos cidadãos ao próprio país.

No entanto, parece que durante e em seguida a realização dos JO, a identidade nacional brasileira ganhou certo fôlego, sustentada também pelo passado esportivo lembrado pelos jornais. Desta maneira, a história esportiva em comum dos brasileiros tornou-se um legado imaterial ao reforçar a identidade nacional. Porém, não muito tempo depois do encerramento dos JO do Rio 2016, a crise política provoca abalos mais intensos no país e assuntos relativos aos impactos e legados do JO do Rio 2016, bem como a identidade nacional brasileira são colocados em questão. Mas este é um tema para ser abordado em futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- Anônimo (6/08/2016). 2. O Tempo, Minas Gerais, p. 4.
- Anônimo (7/08/2016). A história da medalha – Felipe Wu prata no tiro esportivo. O Tempo, Minas Gerais, p. 12.
- Anônimo (16/08/2016). A história da medalha – Poliana Okimoto bronze na maratona aquática. O Tempo, Minas Gerais, p. 12.
- Anônimo (21/08/2016). Brasil – Ouro no futebol masculino, O Tempo, Minas Gerais, p. 8.
- Anônimo (9/08/2016). Menina de Ouro, O Tempo, Minas Gerais, p. 1-8.
- Anônimo (19/08/2016). Dinastia. O Tempo, Minas Gerais, p. 5.
- Anônimo (28/08/2016). Robson Conceição. O Tempo, Minas Gerais, p. 26.
- Anônimo (5/08/2016). Para gravar o nome na história. O Tempo, Minas Gerais, p. 7.
- ANJ – Associação Nacional dos Jornais. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>
Acesso em: 04/10/2017.
- Assmann, J; Czaplicka, J (1995). Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique, Cultural History/Cultural Studies*. Spring – Summer; 65: 125-133.
- Carvalho, FF (2007). Os significados composicionais e a formação de subjetividades na primeira página de jornais mineiros: um estudo de caso à luz da gramática do design visual. Tese de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Guia Oficial do Espectador. TM/© Rio2016, 30/06/2016.
- Hartog, F (2006). Tempo e Patrimônio. *Belo Horizonte*; 22(36): 261-273.
- Le Goff, J (1990). História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Lozano, JEA. (1996). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: Ferreira MM; Amado J. Usos & abusos da historia oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, p. 15-25.
- Oliveira, G, Cherem EHL, Tubino MJG (2008). A inserção histórica da mulher no esporte. *R. Bras. Ci e Mov.*; 16(2): 117-125.
- Kidd, B (1992). The culture wars of the Montreal Olympics. *Int Rev for soc of Sport* .; 27(2): 151-162.
- Müller, R; Todt, N (2015). Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo: seleção de textos. Lausanne: Comitê Internacional Pierre de Coubertin.
- Proni, M (2004). A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996). Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. 6 a 10 set 2004; Campinas, BR. Campinas: ANPUH/SPUNICAMP.
- Proni, M (2008). A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Esp e Soc*, 3(9): 1-35.
- Raeder, S (2008). Desenvolvimento Urbano em Sedes de Megaeventos Esportivos. In: DaCosta L, Corrêa D, Rizzuti E, Villano B, Miragaya A. Legados de Megaeventos Esportivos. Brasília: Ministério do Esporte.
- Raeder, S (2007). Jogos e cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Tavares, O (2011). Megaeventos Esportivos. *Mov.*; 17(03): 11-35.

Torcida reconhece o esforço de rúgbi amador do Brasil e aplaude 12º lugar. O Tempo, Minas Gerais, 12/08/2016, p. 8.



This title is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/).